



Os Mortos de James Joyce: a Literatura e o Cinema.

Josebel Akel Fares

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/ São Paulo.
Professora da Universidade da Amazônia - UNAMA, e da
Universidade do Estado do Pará - UEPA.

Códigos diversos. Tempo. Espaço. Imagens e palavras. A relação entre os textos está na urdidura da vida que, como um grande arquês, se repete e se renova, mapeando quadros da condição humana. É noite de Natal, início do século, pessoas amigas se encontram, se confraternizam para comemorar o nascimento de Cristo, como reza a tradição cristã-burguesa. As irmãs Kate e Júlia e a sobrinha Mary Jane organizam o encontro anual, com detalhes e presteza, como manda as regras da hospitalidade irlandesa, na casa onde moram há muitos anos. Os convidados são velhos conhecidos, parentes, alunos. Piano, dança, récita, discurso, ceia, planos para o próximo ano, esta é a situação que se repete na trama narrada por Joyce em *The Dead*, adaptada para o cinema por Tony Huston, mas os enredamentos tecem teias de tensões, revelações, epifanias, e as duas formas de expressão se misturam e se completam.

O conto faz parte da coletânea de contos *Dubliners*, na Irlanda, primeira obra em prosa do autor. *The Dead* é o último dos 15 contos do livro, publicado em Londres, em 1914, após 9 anos de litígio do autor com a justiça. Segundo a biografia de Joyce, a obra teria sido censurada pelo tipógrafo, na época também responsável por essa função junto com o editor. Ele alegava que alguns contos tinham linguagem *indecente* e que criticavam o regime irlandês. Daí, há toda uma polêmica em relação as possíveis alterações necessárias à publicação, negadas pelo autor, que se defendia dizendo que retirar os conflitos, proposto pelos editores, seria mutilar o texto, destruir o arcabouço proposto. "Se elimino tais elementos, como há de ficar a história moral de meu país? Luto pela manutenção desses elementos, pois creio que, ao escrever o meu capítulo da história moral do meu país exatamente da forma como fiz, dei o primeiro passo para a libertação espiritual de minha pátria".(Joyce, apud José Roberto O'Shea, 1991 – Introdução de *Dublinenses*, 1993).

The dead, o mais extenso conto do volume, não constava do primeiro manuscrito e foi incluído como uma forma de mostrar a hospitalidade irlandesa e, de certa forma, redimir o autor das críticas contundentes ao seu país, inscritas nas demais narrativas da coletânea. Mesmo assim, o tom da crítica à Irlanda não desaparece deste texto.

O filme baseado no conto, traduzido como *Os Vivos e os Mortos*, tem o roteiro foi escrito por Tony Huston, é o último de John Huston, e teve indicação para dois Oscar da Academia. Angélica Huston e Donal Mc Cann protagonizam a película, produzida em 1987, com duração de 95 minutos, categorizado como drama pela Look Vídeo. Além deles, também participam as atrizes Helena Carrol, Cathleen Delany, Ingrid Craigie e Rachel Dowling.

UM BREVE OLHAR SOBRE AS PERSONAGENS:

□ As moradoras do sobrado.

Miss Kate e Miss Júlia, as irmãs Morkan. "As duas velhotas eram pequeninas e vestiam-se com discrição"(p.181), solteironas, responsáveis pelo baile anual, desde que o irmão morrera. São personagens emblemáticas da hospitalidade irlandesa.

Júlia "era alguns centímetros mais alta que a irmã. Seu cabelo, preso e encobrindo ligeiramente as orelhas, era acinzentado; e igualmente acinzentado, com sombreados escuros, era seu rosto grande e flácido. Embora tivesse postura firme, o olhar vago e a

boca entreaberta davam-lhe aparência de alguém que não sabia onde estava nem para onde ia”(p.181). Mesmo bastante grisalha, atuava como primeiro soprano em encenações e na Festa é convencida a apresentar-se e, então, canta uma de suas canções preferidas, *Arrayed for the bridal*, de Ballini (a informação da autoria não está no conto), traduzida no filme como:

*Vestida para a boda
Olhem a beleza dela
Uma grinalda branca entrelaçada
Em cima sua bela fronte
Invejo a gaze
Que suavemente a envolve
E brinca com os cachos do seu lindo cabelo.*

No momento em que canta, sua voz já não espelha a idade, é forte e límpida e domina todos os trinados que embelezam a melodia sem atropelar uma nota sequer, informa o narrador. “Acompanhar aquela voz, sem olhar para o rosto da cantora, era deixar-se levar num vôo veloz e seguro”(p.193). Nas imagens fílmicas, a câmera, ora em panorâmicas, ora em close ou detalhe, rememora um passado através de objetos expressos na letra da canção, (elementos das bodas da irmã morta?). Um belíssimo momento de tensão da trama, é como se esse cantar fosse o derradeiro da personagem, pois, além dos elementos já descritos, símbolos religiosos misturam-se à cena, dando-lhe um tom de réquiem.

Kate “era mais animada. Seu rosto, mais saudável do que o da irmã, era só rugas e sulcos, como uma maçã vermelha e seca e enrugada, mas seu cabelo, trançado à moda antiga, conservava o tom de nozes maduras”. (p.181), Devido suas condições físicas, que a impossibilitava a grandes movimentos, como o de sair muito à rua, dava aulas de música para principiantes, em casa, num velho piano do quarto dos fundos.

As duas, entre outras coisas, são responsáveis por receber e encaminhar as convidadas mulheres ao quarto de vestir, para que se desfaçam das pesadas roupas de inverno e se arrumem para a recepção natalina.

No filme, as irmãs guardam diferenças físicas bem maiores, que as descritas no conto. Júlia (Helena Carroll) é alta, de postura elegante e Kate (Cathleen Delany) baixa e gorda. Estas configurações físicas dão para a primeira um tom de sobriedade e seriedade, que se coaduna perfeitamente com sua imagem trocando as folhas das partituras que estão sendo executadas ao piano, e para a segunda um jeito bonachão e extrovertido, que incorpora a animadora do salão durante as danças.

Mary Jane, sobrinha das duas, morava com as tias desde ainda garotinha, quando o pai, irmão delas, morreria. Garantia o sustento da casa como organista em Haddington Road e como professora de música. Fizera Conservatório e todos os anos apresentava, com seus alunos, concertos. Na festa, responsabilizara-se em receber os convidados, mas também em animar o salão.

Lily, filha da empregada, “era esbelta, estava na flor da idade, e tinha a tez pálida e os cabelos cor de feno”(p.179). Morava com as senhoras desde pequena, quando costumava embalar sua boneca de pano, sentada nos degraus da escada. Acabara os estudos e acreditava que “os homens de hoje só querem saber de conversa fiada e de se aproveitar da gente”(p.180). Na noite da festa, além de ser responsável por serviços domésticos, também tinha como função receber e encaminhar os convidados masculinos, indicando-lhes ou ajudando-lhes a tirar e guardar os trajes de inverno.

Os convidados. "Todo mundo que as conhecia vinha ao baile: parentes, velhos amigos da família, integrante do coro em que Júlia cantava, alunos de Kate que porventura já tivessem idade de freqüentar baile e até mesmo alguns alunos de Mary Jane"(p.177).

O casal Conroy:

Gabriel, sobrinho preferido das irmãs Morkan, filho de Ellen, a irmã mais velha, já falecida. "Era um jovem forte e de boa estatura. O tom corado de suas faces subia até quase a testa, e ali dispersava-se em manchas amorfas e avermelhadas; em seu rosto escanhado cintilavam as lentes cristalinas e os aros dourados dos óculos que lhe protegiam os olhos suaves e ao mesmo tempo inquietos. Seu cabelo preto e brilhante era repartido ao meio e penteado numa longa curva por trás das orelhas, revelando uma pequena onda formada pela marca do chapéu"(p.180). Era professor e escrevia uma coluna literária. Sentia imenso prazer neste trabalho de resenhista, principalmente em manusear capas e virar as páginas dos livros que acabaram de sair das gráficas, ao mesmo tempo que também adorava passear pelos sebos da cidade. Na Festa, era a figura mais esperada pelas tias, e funcionava como uma espécie do anfitrião, sendo responsável pelo discurso e por trincar o peru (no filme, ganso), prato principal da ceia. Era marido de Gretta.

Gretta - há poucas descrições físicas da personagem no conto, contudo, através do olhar do marido, poder-se-ia dizer que tinha uma silhueta esbelta, cabelos cor de bronze, apesar de, num solilóquio, Gabriel confessar que "não ousava dizer nem para si mesmo que o rosto dela já não era belo..."(p.220). Durante o desenrolar da primeira parte da ação, o leitor é informado que a sogra opôs-se ao casamento do filho, alegando que a pretendida era filha de uma roceira esperta, questão que o próprio narrador desfaz, afirmando a complacência da nora ao tratar dela nos momentos anteriores aos estertores. É ela quem detona todo o sentimento de nostalgia, de introspecção e de impotência diante da vida e da morte de Mr. Conroy, no final do conto.

Os Malins, mãe e filho:

Freddy Malins, a chegada mais temida da festa. As anfitriãs preocupavam-se com a possibilidade dele provocar cenas contrangedoras, devido ao seu alcoolismo. É descrito como um "homem de uns quarenta anos de idade, tinha a altura e o porte de Gabriel, e os ombros um tanto caídos. Seu rosto era gordo e pálido e os únicos vestígios de cor estavam localizados nos lóbulos carnudos das orelhas e nas narinas largas. Tinha traços grosseiros: nariz chato, a fronte convexa e lábios inchados e protuberantes. As pálpebras pesadas e o cabelo ralo e emaranhado davam-lhe um aspecto sonolento. Gargalhava estridentemente..."(p.186) Chegara, na confraternização, um tanto cambaleante.

Mrs. Malins "era uma velhota corpulenta e doente, de cabeça branca"(p.191). O filme a evidencia como uma pessoa chata, inclusive nos diálogos, ela é indiciada como a responsável pelo comportamento do filho. Morava em Glasgow com a filha casada.

Miss Ivors, Molly. "Jovem franca e falante, de rosto sardento e grandes olhos castanhos. Não usava decote e o largo broche preso à gola de sua blusa estampava o emblema irlandês"(p.188). Faz críticas à postura de Gabriel, de quem era amiga há muitos anos, em relação ao seu descaso com seu país, chamando-o publicamente de anglófilo, o que o deixa irritado: "Obviamente, a moça, ou mulher, ou seja lá o que for, era bastante patriota, mas tudo tem a sua hora"(p.191). Não participa do jantar, recusa-se com a justificativa de não ter fome e que já passava da hora de se retirar. No filme, esta passagem é explicada pela personagem com a necessidade de participação de uma reunião do Partido.

Mr. Bartell D'Arcy, jovem moreno, com um belo bigode, o tenor de voz belíssima, "toda Dublin está empolgada por ele". É tido como convencido devido ao fato de negar-se, durante toda a festa, a cantar, alegando um resfriado horrível e rouquidão, mas é a canção cantada por ele, no final da comemoração, *The lass of Aughrim*, que faz explodir e que acompanha o momento narrativo da epifania. A canção é traduzida, no filme, desta forma:

*Se você foi a garota de Aughrim
Como suponho que seja
Dê-me a primeira prova
Que houve entre nós dois
Daquela noite
No morro deserto
Quando nos encontramos
O que lamento dizer agora
A chuva cai sobre a minha cabeça
E o orvalho molha minha pele
Minha criança jaz
Fria em meus braços
Mas ninguém me deixa entrar.*

Mr. Browne apresenta-se como "um sujeito alto, de rosto enrugado, bigode rijo e grisalho e pele morena"(p.184), de sorriso largo e galanteador. Durante toda a noite, faz chistes com os convidados, e é uma espécie de contraponto, referenciado em várias passagens do conto. Proferia religião diferente dos demais presentes.

Das demais personagens, poucas referências, pouca importância na trama: Miss Daly, pianista, tocou uma valsa; Miss Power; Miss Higgins; Miss O'Callaghan; Miss Furlong, aluna de Mary Jane; Mr. Fulham, proprietário da casa onde moram as irmãs Morkan; Mr. Bergin; Mr. Kerrigan; uma jovem de faces rosadas e vestido violeta que chama para a quadrilha; quatro rapazes; as crianças.

Outras personagens, além dos mortos, presentificam-se nas falas dos participantes, como argumento ou explicitação de algum fato: o papa; o padre Healy; o tenor negro do Gaiety; as célebres cantoras de ópera; as pessoas que iriam a Connacht; a Bessie, babá dos filhos de Gabriel e Gretta; Constantino, irmão de Gabriel, e etc.

No filme, há uma personagem que não aparece no conto, surge para introduzir a récita na festa e explicitar o tom literário que percorre todo o texto na figura de Gabriel. Mr. Grace declama *Votos Partidos*, mas não faz referência ao autor, todavia indica que a tradução para o irlandês é de Lady Gregory. O texto é um poema romântico, em que o/a amante reclama o amor prometido. As metáforas e comparações, para expressar essa dor, são tecidas com elementos do mundo natural, habitantes do ar (aves), da terra (caprinos) e da água (peixes) e com a melodia dos assobios, dos gritos, do balir das ovelhas. O reclame se encerra com a desilusão, que culmina com o medo da perda da fé:

*Era tarde a noite passada
O cão falava de você
O pássaro cantava no pântano. Falava de você.
Você é o pássaro solitário na floresta,
Que você fique sem companhia
Até achar-me.
Você prometeu e mentiu,
Disse que estaria junto a mim,
Quando os carneiros foram arrebanhados.
Eu assobie e gritei cem vezes,
E não achei nada lá,
A não ser uma ovelha balindo.
Prometeu algo difícil
Um navio de ouro sob um mastro prateado,*

*Doze cidades e um mercado em todas elas
E uma branca e bela praça a beira mar.
Você prometeu algo impossível.
Que me daria luvas de pele de peixe
E sapatos de pele de aves
E roupa da melhor seda da Irlanda.
Minha mãe disse para não falar com você
Nem hoje, nem amanhã, nem domingo.
Foi um mal momento para dizer-me isso.
Como trancar a porta após a casa arrombada.
Você tirou o leste de mim
Você tirou o oeste de mim
Tirou o que existe a minha frente.
Tirou o que há atrás
Tirou a lua
Tirou o sol de mim.
E meu medo é grande
Você tirou Deus de mim.*

OS MORTOS (pela ordem de aparição no conto):

Pat, pai de Mary Jane, depois de sua morte, as irmãs levaram a única sobrinha para morar com elas.

Ellen, mãe de Gabriel, irmã mais velha das Morkan, casara-se com T.J.Conroy, funcionário do cais do porto. O filho estranhava que a mãe não tivesse nenhum talento musical, pois era referida como o cérebro da família. As irmãs deixavam transparecer um certo orgulho da sisuda e conservadora senhora, que escolhia o nome dos filhos e encaminhava-os na profissão. Era guardada por Júlia e Kate com um retrato em frente ao espelho do aparador, onde trazia um livro aberto e apontava alguma coisa para Constantino, seu outro filho.

Patrick Morkan, pai das duas, velho cavalheiro, fabricante de goma/cola, era todo metido a elegante, um encômio. Tinha um cavalo, Johnny, que uma vez resolveu montá-lo para ir assistir uma parada militar, acompanhando a fina flor local. E ele, o cavalo, o colocou em maus lençóis, por ter ficado a rodar em torno da estátua de um cavalo, não se sabendo se o ato foi ocasionado por uma paixão eqüínea ou se achou que estava de volta ao moinho, onde trabalhava.

Michael Furey, amor da adolescência de Gretta, morreu aos 17 anos, vitimado por uma doença que se agravou no momento em que foi despedir-se da amada que partiria para um colégio interno. *Morreu por mim*, revela Gretta ao marido, depois de ouvir a canção que a fez lembrar todo um passado desconhecido de Gabriel. A epifania é o momento desta lembrança.

A TRAMA, OS TEMAS.

A ação acontece em dois momentos de uma noite de Natal. No primeiro, a alegria da festa: a tradição da música e das danças- a valsa, a quadrilha, os lanceiros; da ceia, vinhos, refrescos e variado cardápio; dos discursos melancólicos, invocando o passado, questionando o presente e prevendo o futuro; enfim, da confraternização. O segundo, o da epifania, das revelações, da melancolia e das reflexões. Nos dois tempos da trama, um elemento conduz o fio narrativo: as imagens da neve, que tanto compõe o cenário de alegria quanto a tristeza, são recorrentes em todo o conto. "Essa neve é indiciada desde o

princípio do conto e lentamente se acumula pela repetição de certas palavras-chaves: frio, sombras, parado, morto, escuro, negro, branco”(Sá,1979:184).

Os enredamentos da trama tecem os temas.

A coletânea, segundo J.R.O'Shea, organiza-se em torno de quatro temas principais: infância, adolescência, maturidade e morte, dentro destes é essencial as abordagens sobre paralisia, vida e morte, epifania.

Ao escrever *The dead*, Joyce “foi motivado pela intenção de apresentar ao mundo uma visão mais indulgente da Irlanda”(p.11). E o próprio autor confessa que foi severo demais com a Irlanda e não fez jus aos atrativos e à beleza do país. Daí, um dos temas abordados pelo autor ser a hospitalidade irlandesa, apresentada através das personagens Júlia, Kate e Mary Jane Morkan. E nada mais adequado, do que o tom solene de um discurso, para esta loa aos irlandese e à hospitalidade, na voz de Gabriel Conroy:

A cada ano que passa aumenta minha convicção de que nenhuma tradição honra tanto o nosso país e deve ser defendida com mais fervor do que nossa hospitalidade. A meu ver trata-se de uma tradição impar entre as nações modernas. Alguns podem dizer que, no nosso caso, essa hospitalidade é mais um defeito do que uma qualidade da qual devemos nos orgulhar. Mesmo que isso seja verdade, trata-se, creio eu, de um defeito magnífico, um defeito que espero seja sempre cultivado entre nós.[...] a tradição da autêntica hospitalidade irlandesa, sincera e cordial, a nós legada por nossos antepassados e que por nós deve ser legada a nossos descendentes, há de permnecer viva. (p.202/3).

Mesmo assim, o autor não deixa de jogar com temas que critiquem a sociedade.

A igreja é apresentada com imagens antagônicas e enfoques diferenciados. Na queixa de Kate em defesa da irmã, que passara a vida toda se dedicando ao coral da igreja e agora foi substituída por pessoas mais novas, ela responde à sobrinha que tenta ponderar a ação dos representantes de Deus:

Eu sei muito bem que é pra honrar Deus, mas não vejo nada de honrado quando o papa manda botar pra fora do coral senhoras que se mataram a vida toda e recruta uns fedelhos pra ocuparem seus lugares. Suponho que seja pelo bem da Igreja, já que a medida partiu do papa. Mas não é justo, Mary Jane; não está certo. (p.194/5)

Outra referência ao tema, aparece quando a Mrs. Malins anuncia a ida do filho para o mosteiro Mount Melleray, durante duas semanas para se tratar, e os presentes falam do ar puro da região, da hospitalidade dos monges e da não cobrança dos serviços. Neste momento, intervém Mr. Browner, incrédulo, fazendo considerações a respeito do despreendimento material dos religiosos. Mesmo assim, Mary Jane explica que pessoas ao sair de lá, deixam doações ao monastério. E a conversa ainda continua com exposições sobre as regras da congregação.

O racismo é apresentado, sutilmente, na discussão sobre ópera, durante o jantar, quando Freddy Malins, comentando sobre um espetáculo, declara que o dono da mais bela voz é um tenor negro e pergunta a Mr. Bartell D'Arcy o que ele achava. É Mr. Browne quem responde à pergunta, em voz alta, ironizando, “só mesmo o Freddy, pra descobrir as coisas que valem a pena”. A que ele replica com aspereza: “E por que não teria uma boa voz? Só porque é preto?”(p.198).

"Epifania é uma manifestação espiritual, uma relação transcendental entre o universo interior e exterior. Em termos literários, o escritor moderno, capitulando diante da impossibilidade de compreender o caos que o cerca, busca indícios externos que o levem a significados internos"(p.12).

Dublinenses é uma coleção de epifanias, uma das maiores criações estilísticas do autor. O estudo de Olga de Sá (1979:192) sobre o tema aponta três tipos de epifania ou três níveis de procedimento epifânico na obra de Joyce.

1. *A epifania-visão como revelação presentativa, imediata, provida ou não de desenvolvimento, explicitação, comentário.*
2. *A epifania-crítica como reversão irônica (a antiepifania).*
3. *A epifania-linguagem(revelada na própria palavra), epifania operativa ao nível da microestética.*

Riquelme (1992:69) considera dois modos de epifania, o fantástico e o realista. Ele assegura o segundo tipo como condutor dos *Dublinenses*, pois todos os contos são narrados de maneira realista e "as histórias e seu estilo dividem com as epifanias a meta de desmascarar uma cultura que Joyce desprezava, por considerá-la paralítica".

Considerando a epifania como este momento mágico de revelações e de aparições, acrescentaria ao momento epifânico de Gretta - que acontece no topo da escada, quando ouve a música *The lass of Aughrim* cantada por Mr. D'Arcy, que a revolve ao passado-uma outra ocasionada pela declaração do seu segredo ao marido, que, de uma certa forma, detona um outro processo de memória dos mortos, de aniquilamento da vida futura projetada no/por Gabriel.

O tema central deste conto é a interrelação entre vivos e mortos. As referências aos mortos, reiteradas do início ao fim do conto, são mencionadas de diferentes maneiras. Algumas vezes, apenas para situar uma personagem ou uma ação. É o que acontece com a citação de Pat, que explicita o fato da presença de Mary Jane com as tias e traz uma marca de mudança espacial, o endereço de Stoney Batter para Usher's Island, e, conseqüentemente, de condição financeira, elas transferem-se para uma casa escura e lúgubre, a parte superior do sobrado de Mr. Fulham. A presença de Ellen evoca toda uma discussão sobre educação dos filhos, o poder e a primazia da mulher nos comandos do lar, ao mesmo tempo que reforça a subjugação daquele de condição financeira-social inferior, no caso o marido. O riso corporificado na figura de Patrick Morkan e de seu cavalo Johnny, é celebrado no movimento entre vivos e mortos.

Por que aquele que quer morrer de amor interessaria na vida? Para Michael Furey, por nada, ou melhor, pelo próprio amor ou pelo amor da amada, sem este nada mais tem sentido. O sentimento arrebatador de uma adolescência romântica, que é capaz de levar o amante às últimas conseqüências, está na pele deste personagem. A partida da amada e a impossibilidade de sobreviver a sua ausência, joga com um último momento de possibilidade de rever o amor e desvelar-se numa despedida derradeira e trágica, fazendo da morte um êxtase da vida. Gretta vai partir para um colégio interno e Michael é impedido de vê-la, ele foge e no meio de uma tempestade, a alcança arrumando as malas: sua saúde frágil não resistiria ao frio. Uma semana mais tarde, ela sabe de sua morte.

Este drama, revelado ao marido na parte final do conto, faz com que ele se coloque em xeque e relativize suas concepções de vida e de morte e devaneie sobre o tema. Gabriel, após o discurso, o vinho, a dança, as despedidas alegres, a caminhada na neve ao longo do rio, sonha com a chegada ao hotel e uma noite de amor. Ele revive, na memória, momentos felizes de seu casamento e projeta tornar a lembrança desses êxtases

presente, sem perceber o que acontecera com a mulher ao ouvir a música do final da festa. Após a declaração de Greta, questiona qual a importância que ele, realmente, tivera na vida de uma mulher que teve um homem capaz de morrer de amor por ela. A esposa adormece e o marido, corroído de ciúmes do amante-fantasma, a observa e imagina o que mais teria acontecido entre os dois, além do relatado. E, então, medita sobre a vida e sobre os mortos, reflete sobre a vida dos que partiram e projeta a morte de pessoas vivas. Compreende a fugacidade da vida, chora defronte da janela, vê a neve e sente o frio da alma, percebe que nevava também no cemitério solitário da colina onde Furey está enterrado e que o gelo também se "acumulava sobre as cruzes inclinadas e sobre as lápides, sobre as pontas das grades do portão, sobre os espinhos". Neste estado de melancolia profunda sente sua alma desfalecer e ouve a neve "precipitando-se placidamente no universo..., descendo como a hora final sobre todos os vivos e todos os mortos"(p.222).

Depois destes rascunhos de escritura, baseado, principalmente, no texto literário, retomo a uma fala inicial, em que declarei que as duas formas de expressão, a literatura e o cinema, se completam, para acrescentar que outras formas artísticas são fundamentais na composição do quadro de época: a música, as danças, as fotos, os bibelôs, as telas, até mesmo a imaginária *Música ao Longe*, além dos próprios autores e textos literários citados ao longo da narrativa.

O filme guarda o texto literário, mesmo que em alguns momentos acrescente, como é o caso do poema e das letras das canções, e de um personagem; subtraia, pois não seria possível abarcar toda a temática de um texto tão rico, daí o diretor fazer suas escolhas; ou desloque a ordem dos diálogos ou das personagens. E, ainda que, compreendendo a inerência das linguagens, uma a palavra e a outra a imagem, os planos, tomadas e movimentos de câmera, induzem ao mesmo jogo de enredamentos e ao clima da narrativa verbal.

Nota: Deixei de tratar de temas referentes a análise textual, como construção da narrativa, aspectos estilísticos, estudo do narrador, e de especificar itens para tempo e espaço, assim como dos recursos referentes a análise do filme, como enquadramentos, movimento de câmeras, ritmo cinematográfico, porque considerei ser necessário para tanto um trabalho de maior monta, o que este comentário não se propõe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Joyce, James. *Dublinenses*. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Siciliano, 1993.
- Os Vivos e os Mortos*. Filme de John Huston. São Paulo: Look vídeo, 1987.
- Riquelme, John Paul. Stephen Hero, Dublinenses e Retrato do Artista Quando Jovem. Tradução de Suzana Kampff Lages in *Riverrun: Ensaio sobre James Joyce*. Organizado por Arthur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- Sá, Olga de. O conceito e o procedimento da epifania in *A escritura de Clarice Lispector*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Tereza D'Ávila, 1979.